

# Casa elefante

## Domesticar o indomesticável

PEDRO BANDEIRA E ANA LAUREANO ALVES

*“É uma coisa simples que um fogão simbolize uma época, cujo poder é contido numa panela. Esta época há-de passar, vai passando já; começa-se a compreender, que se pode haver força numa caldeira, só num cérebro pode haver poder; noutros termos: o que leva e conduz o mundo, não são as locomotivas, são as ideias. Tomai as ideias pelas locomotivas, mas não tomeis o cavalo pelo cavaleiro”<sup>1</sup>*

A primeira casa-elefante de que há registo foi construída em 1881, na cidade que hoje se chama Margate, em New Jersey, Estados Unidos da América. O edifício, com estrutura de madeira, media quase vinte metros de altura. Construído por James Lafferty Jr., auxiliado pelo arquiteto William Free, tinha como objetivo criar, num terreno arenoso e de difícil acesso, um chamativo para um negócio imobiliário. Ao albergar o escritório na casa-elefante, não só atraía visitantes curiosos como, também, permitia apreciar os terrenos a partir de um ângulo peculiar: o dorso do paquiderme de madeira.

Enquanto construía a casa, Lafferty registou a patente da sua invenção. Desde 1882, o autor conquistou o direito exclusivo de construir, utilizar e vender edifícios com forma de animal: *“reclamo como original o edifício que tem a forma de animal, no corpo do qual serão construídos pisos e apartamentos, providos de janelas e escadas, suportados por pernas ocas que permitem o acesso ao corpo”*.<sup>2</sup> Ficou igualmente salvaguardada na patente a construção de casas com formas diferentes da do elefante: *“O edifício poderá ter outra forma qualquer que não a do elefante, poderá ser um peixe ou uma galinha (...)”*

Não admira que, uns anos mais tarde em 1899, Charles Duell, encarregado do serviço de patentes dos E.U.A., tenha proposto ao presidente norte-americano McKinley o encerramento do órgão que dirigia, alegando que *“tudo o que pode ser inventado já o foi”*.<sup>3</sup>

Depois da construção desta primeira estrutura de nome *Elephant Bazaar*, seguiram-se novos elefantes. Em 1884, Lafferty construiu o *Elephantine Colossus*, também conhecido por *Elephant Hotel*. Localizado no parque de diversões de Coney Island em New York, este edifício tinha cerca de trinta e sete metros de altura. As pernas, para além de serem a zona das escadas de acesso, albergavam também uma tabacaria e um diorama. No corpo estavam os quartos de hotel e, no topo, uma área de observação panorâmica. No mesmo ano foi também construído em Cape May um terceiro edifício-paquiderme, chamado *Light of Asia*.

Só o *Elephant Bazaar*, a primeira casa-elefante, sobreviveu até aos nossos dias, apesar de várias transformações. Em 1887 o edifício foi vendido, passando de escritório a habitação. O elefante foi literalmente domesticado e Sophia Gertzen, que o passou a habitar, batizou-o por *Lucy*, nome e género pelo qual continua a ser conhecido. O paquiderme foi posteriormente usado como restaurante, escritório e ainda como bar. Nos anos 60 o abandono fez pairar a ameaça de demolição, até que a campanha *Save Lucy*,<sup>4</sup> organizada em 1970, por um grupo de residentes da cidade, conseguiu fundos necessários para mudar o elefante para um outro terreno da cidade, evitando a sua demolição.

Em 1976 foi-lhe concedido o título de *National Historical Landmark* e, consequentemente sofreu extensas obras de remodelação. Lucy foi reaberta ao público em 2000 e continua, ainda hoje, a ser uma das mais famosas atrações turísticas da cidade de New Jersey.

Não sabemos o que levou James Lafferty a construir uma casa elefante em 1881. Sabemos que um ano antes Jules Verne tinha editado *La Maison a Vapeur*,<sup>5</sup> a história de quatro aventureiros que partiram à descoberta da Índia, numa época em que as revoltas populares questionavam o domínio inglês. A particularidade do livro é que os quatro heróis viajavam em casa puxadas por uma máquina a vapor com forma de elefante. Na rigorosa e poética descrição de Verne:

*Era um elefante gigantesco, da altura de vinte pés, do comprimento de trinta, e largura proporcional, avançava tranquila e majestosamente. Tinha uma tromba um pouco curva, com a ponta para cima, que lembrava enorme cornucópia. As presas, todas douradas, saíam da enorme queixada, semelhantes a duas foices ameaçadoras. Sobre o seu corpo, caprichosamente sarapintado, desdobrava-se uma rica coberta de cores vistosas, enfeitada de filigranas de ouro e prata, orlada de pesada franja. Trazia sobre o dorso uma espécie de torre, coroada de uma cúpula à moda da Índia, e as paredes da torre eram providas de grossos vidros lenticulares, semelhantes às claraboias de um camarote de navio. Puxava o elefante um comboio composto de dois enormes carros, ou, melhor dizendo, de duas verdadeiras casas, espécie de bungalows ambulantes, cada um deles montado em quatro rodas esculpidas nos eixos, nos raios e nas caibas (...) Como podia um só elefante, por muito forte que fosse, puxar aquelas duas maciças construções, sem nenhum esforço aparente? A verdade é que o possante animal as puxava (...) Primeiro que tudo, uma espécie de mugido cadenciado, muito parecido com o uivo particular dos gigantes da fauna indiana, feria logo o ouvido. Além disso, com pequenos intervalos, saíam da tromba, erguida para o céu, rápidos jatos de vapor. Não havia, porém, dúvida de que era um elefante! A sua pele rugosa, de um verde-escuro, cobria com toda a certeza uma dessas ossadas poderosas com que a natureza favoreceu o rei dos paquidermes! Os seus membros eram dotados de movimentos! Mas, se algum curioso se arriscasse a pôr a mão sobre o enorme animal, tudo se explicaria. Aquilo não passava de uma ilusão, de uma imitação surpreendente, que mesmo de perto apresentava todas as aparências de vida. O elefante era de aço, nas suas entranhas abrigava-se uma locomotora completa.*

A associação da máquina a vapor a um elefante não era original. Jules Verne, deu-lhe um sentido formal levado ao extremo do simulacro, fazendo confundir o artificial com o natural mas, de certo modo, esta relação já existia na locomotiva a vapor projectada em 1815 por John Buddle e William Chapman, à qual se deu o nome de *Steam Elephant*. O batismo deveu-se muito provavelmente à proporção do seu corpo e à forma da chaminé, que são retratados numa pintura a óleo de 1820. A velocidade que atingia (7km/h) embora muito abaixo da velocidade máxima atingida por um elefante, que ronda os 40km/h, era



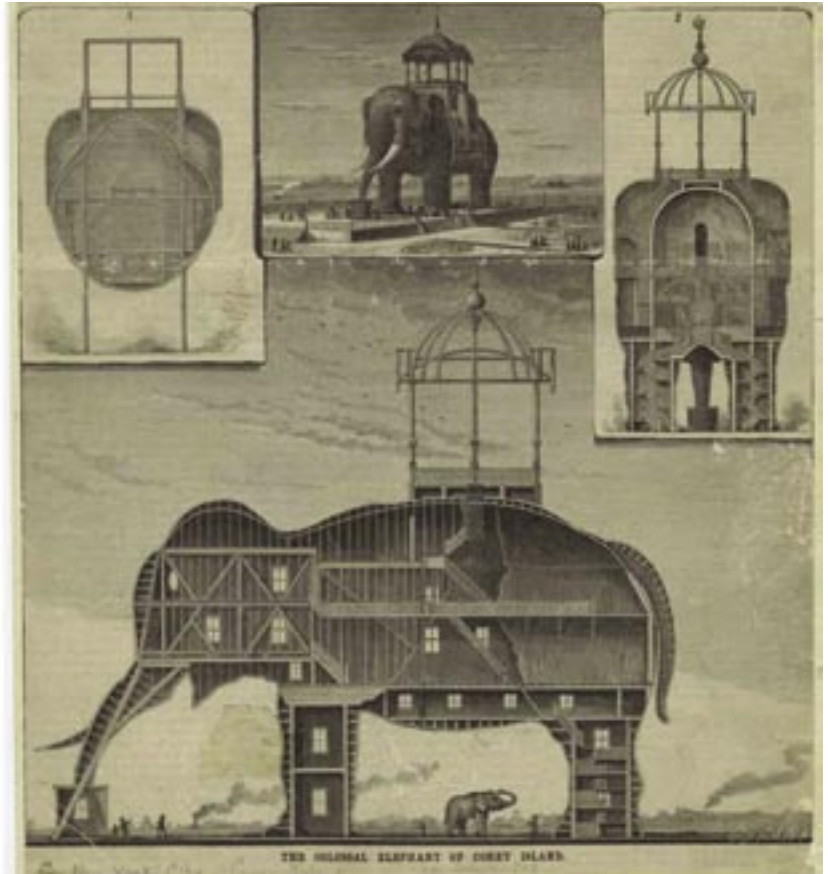
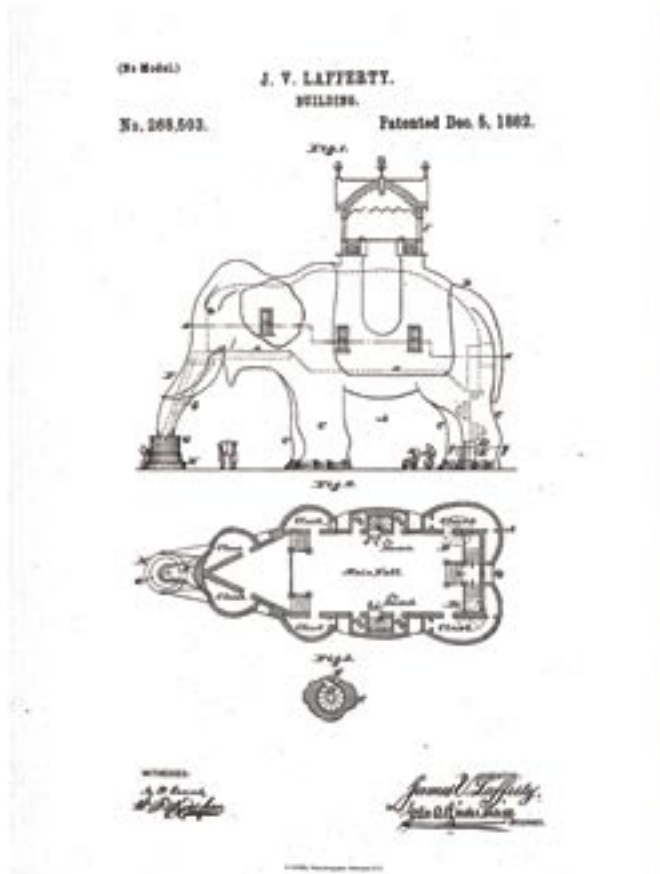
Postais dos edifícios-elefante construídos por James Lafferty Jr, auxiliado pelo arquitecto William Free, a partir de 1881



Ilustrações de *La Maison à Vapeur* de Jules Verne.



Elefante da Bastilha, projecto de 1813, encomendado por Napoleão ao arquitecto Jean Antoine Alavoine.



Patente de edifício-elfante (1882) de James Lafferty Jr e respectivas secções em corte.

compensada pela capacidade de transporte de 90 toneladas de carga. Voltando às referências literárias, o lado habitável das entranhas de um elefante é também descrito em 1862, por Victor Hugo, na sua obra épica *Les Misérables*. Mencionando uma estátua colossal em forma de elefante, encomendada por Napoleão, e erguida na que é hoje a praça da Bastilha em Paris, descreve:

*“Era um elefante de quarenta pés de alto, construído de madeira e de alvenaria, sustentando sobre o lombo a sua torre, que se assemelhava a um prédio, outrora pintado de verde por um pintor qualquer e depois de preto pelo céu, pela chuva e pelo tempo. Naquele ângulo deserto e descoberto da praça, a longa frente do colosso, a tromba, os dentes, a torre, a enorme garupa, os quatro pés, semelhantes a colunas, projetavam de noite, no céu estrelado, uma sombra surpreendente e terrível.”*<sup>6</sup>

Este paquiderme era a habitação clandestina de uma das personagens da história – Gavroche – que domesticou o gigante abandonado, dando-lhe uma nova função, uma nova vida. Nas palavras de Victor Hugo:

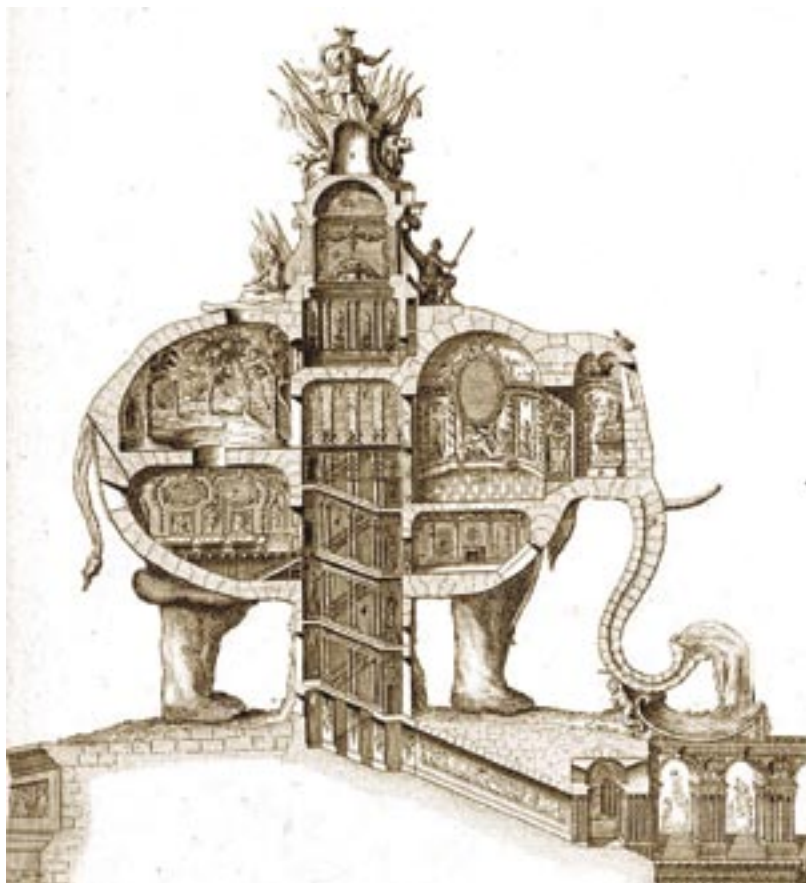
*“Ó utilidade inesperada do que é inútil, caridade das grandes coisas, bondade dos gigantes! Aquele monumento descomunal, que contivera um pensamento do imperador, tornara-se boceta dum gaiato. A criança fora aceita e abrigada pelo colosso.”*<sup>7</sup>

Mais do que a razão particular que levou James Lafferty, Jules Verne, John Buddle e William Chapman, ou Victor Hugo a reinventarem o elefante como máquina ou casa (a expressão poderia ser, provocatoriamente, *máquina de habitar*) interessa-nos esta vontade persistente dos homens em imitarem a Natureza para depois se distanciarem dela, evidenciando orgulhosamente a sua superação. Toda a relação entre a Natureza e o Homem é conflituosa, desde a supremacia da primeira sobre a inversão aparente de controlo e poder que os segundos têm manifestado, levando à suposta domesticação e destruição do que genericamente denominamos por ambiente.

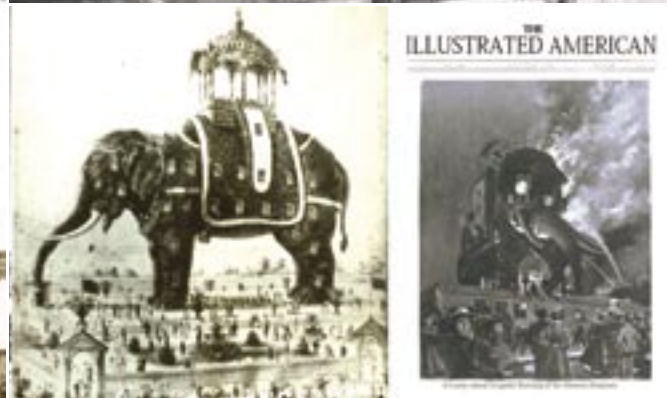
A hesitação que nos leva a usar as palavras “aparente” e “suposta” justifica-se pelo facto de não querermos afastar a possibilidade de não estarmos a controlar nada e, até, o conforto aparente consequente

da domesticação (e mecanização) do planeta poder ser apenas uma ilusão submissa a algo maior do que nós, algo que, no final, ganhará sempre, isto se houver fim para além de nós. Imagine-se que tudo o que fazemos, mesmo a poluição dos rios e mares, o degelo dos polos, o desaparecimento camada de ozono ou a extinção de espécies (...), não são mais do que processos naturais de evolução do planeta.

Há fortes argumentos no sentido de que todo o bem ou mal que fazemos ao planeta não deixará de fazer parte da sua própria natureza, porque a natureza é, antes de tudo, perversa. Em primeiro lugar deveremos reconhecer que a Terra já sofreu alterações climáticas bem mais acentuadas do que aquelas a que assistimos hoje. Estas seguramente não foram provocadas pela nossa existência, a não ser que acreditemos num Deus protetor que tudo tenha feito ao para que chegássemos onde chegámos. Em contrapartida teríamos que aceitar com passividade os nossos atos, porque seríamos apenas marionetas de um teatro maior. Por outro lado, se aceitarmos a Idade do Gelo, as longas noites de escuridão provocadas por nuvens vulcânicas, terremotos e tsunamis ou a extinção de dinossauros como processos naturais, porque não haveremos também de aceitar a subida de uns graus de temperatura provocada pela nossa espécie e pela nossa quota-parte de responsabilidade na encenação do mundo? Esta hipótese implica a aceitação parcial do Homem como um bicho, do Homem Natural, do Homem como parte de um todo maior e que, apesar da ilusão de progresso que criou para si, apesar da sua razão ou ilusão de razão, continua submerso num destino incapaz de controlar. Também aqui poderemos encontrar fortes argumentos que validam este posicionamento: comer, beber, dormir, foder como animais, cantar ou lutar continuam a ser atividades naturais muito estimadas pelo Homem e que pouco ou nada evoluíram em séculos de progresso e mecanização. *Podem mudar as bebidas mas fica sempre a vontade de beber*, dizia um famoso intelectual francês, até ter morrido de cirrose. Nesta perspetiva, o Homem será sempre considerado um animal, natural e irracional na ausência de consciência de um todo que engloba a sua própria estupidez e a estupidez dos seus atos. Esta é também a



Elefante Triunfal de 1758, projecto do arquitecto Charles François Ribart para Paris.



Lucy e seus irmãos e Elefante Hotel de Coney Island em chamas.

estupidez que a Natureza exhibe sem qualquer pudor quando aciona um vulcão matando as espécies que à sua sombra sobreviviam. A natureza é cruel. É cruel no modo de gerar e garantir a vida e, o Homem, é ainda mais cruel, o que faz dele menos Homem e mais animal e, ironicamente, mais Natural.

No entanto tentamos contrariar essa natureza. Reinventamos a natureza. Agora, homens e mulheres gostam de elefantes de uma maneira diferente. Desenvolveram uma sensibilidade que os afastou do ser natural. Não matam elefantes para lhes extrair o marfim. Deram à Natureza um lugar próprio: o da representação, que é também o lugar do paraíso, da Natureza idílica. E neste sentido, seria impensável fazer hoje o que o Homem fez no Museu da História Natural de Maputo (quando ainda era Lourenço Marques), que foi expor orgulhosamente catorze estados da gestação de catorze elefantas que foram mortas para que catorze fetos trocassem o respetivo útero por frasquinhos de formol. A mesma imagem, tão sedutora quanto violenta, encontramos nos desenhos de corte da casa-elefante patenteada por James Lafferty (FIGURA 7) ou no corte de um outro elefante, triunfal, projetado por Charles François Ribart em 1758: a primeira casa elefante de que temos conhecimento. E, ainda assim, esta não é mais que a herança desse homem racional, positivista, o mesmo que troca o conforto das explicações oferecidas por Deus, pela dissecação da Natureza na ambição de a compreender, na ilusão de a controlar. O mesmo homem que imaginava ganhar às bactérias inventando antibióticos. É o desenvolvimento da sensibilidade no mundo ocidental, a mesma sensibilidade que troca a abstração de dizer “Homem” com “h” grande, por dizer “homem” e “mulher” com minúsculas, em homens e mulheres que não deixarão de, algo hipocritamente, reclamar uma Natureza sem caos, para se colocarem ilusoriamente fora de uma cadeia de predadores que tudo comem e transformam. E é sob esta aparente humildade sobre a Natureza que o homem e mulher acima de todas as outras espécies reivindicam o lugar de Deus e da máquina, simultaneamente: *deus ex machina*. Mas poderia ser de outra maneira? No fundo, pensamos que não.

O Elefante de Gavroche (o miserável de Victor Hugo) “*ia-se arruinando;*

*as porções de calça que o mau tempo em todos os anos lhe arrancava, deixavam-lhe umas como hediondas chagas. «Os edis», como se diz no dialeto elegante, tinham-se esquecido dele desde 1814. Estava ali no seu canto, triste, doente, prestes a desabar, rodeado de um tapume apodrecido, manchado a todos os instantes pelos cocheiros embriagados; tinha o ventre cheio de fendas; do rabo saía-lhe um barrote, a erva crescia-lhe em torno das pernas; e como o nível da praça se elevava à roda dele, havia trinta anos, pelo movimento vagaroso e contínuo que ergue insensivelmente o solo das grandes cidades, estava numa cova e parecia que a terra ia abatendo debaixo dele»<sup>6</sup>*

No final de *A Máquina a Vapor* de Jules Verne, o elefante-máquina suicida-se, fazendo-se explodir, como um mártir, levando consigo os homens “maus” (uma adjetivação que a sensibilidade de hoje não hesitaria em denominar colonialista).

O Elefante Hotel de Coney Island incendiou-se. Uma imagem capa do *The Illustrated American* mostra os olhos enraivecidos de fogo do colossal elefante sob o olhar curioso e impotente de homens e mulheres incapazes de controlar a natureza das chamas.

O fogo pode ter sido causado por um raio de trovão ou por um curto-circuito elétrico (a dúvida entre ser uma causa Natural ou Humana). Aparentemente não aprendemos nada com os acidentes mas aprendemos tudo: aprendemos também a querer dominar o fogo, porque domesticar parece ser a nossa eterna e falsa natureza. ■

<sup>1</sup> Victor Hugo, *Os Miseráveis*. Lisboa: Editorial Minerva, 1963, Vol. 4<sup>o</sup>, p. 139.

<sup>2</sup> Tradução livre do texto da Patente a partir do inglês.

<sup>3</sup> John Malone, *O Futuro Ontem e Hoje*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1998, p. 51.

<sup>4</sup> Não confundir com a campanha recente, com o mesmo nome, que tenciona mudar um elefante de um jardim zoológico no Canada para um santuário de elefantes.

<sup>5</sup> *La maison a Vapeur* de Jules Verne é editado em 1880 em França primeiro como folheto na revista: *Magasin d'Éducation et de Récréation* (entre 1 de Dezembro de 1879 até ao 15 de dezembro de 1880) e depois é editado como livro em 15 de novembro de 1880.

<sup>6</sup> Victor Hugo, *Os Miseráveis*. Lisboa: Editorial Minerva, 1963, Vol. 4<sup>o</sup>, p. 138.

<sup>7</sup> Idem, p. 141.

<sup>8</sup> Idem, p. 138.